

O CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DO ENSINO FUNDAMENTAL
DO CEPAE: UMA BREVE HISTÓRIA

MERCÊS PIETSCH CUNHA MENDONÇA*
MARIA IZABEL BARNEZ PIGNATA**

RESUMO

Este documento tem como objetivo relatar os caminhos percorridos pelo grupo de professores da Universidade Federal de Goiás, que, ao viajar pelo interior do Estado para atender à demanda de docentes das redes municipal e estadual de ensino, aceitou o desafio de ampliar sua visão sobre os processos e a metodologia na formação continuada de professores de ensino básico e, a partir daí, montar o curso de Especialização em Metodologia do Ensino Fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: metodologia, especialização, ensino básico, formação continuada de professores.

ABSTRACT

This document has as objective to tell the ways covered by the group of teachers of the Federal University of Goiás, that, when covering the interior of Goiás State to take care to the demand of teachers of the municipal and state nets of education, accepted the challenge to extend its vision on the processes and the methodology in the continued formation of teachers of the basic education and, then, to create the course of Specialization in Methodology of the Fundamental Education.

KEY WORDS: methodology, specialization, basic education, continued formation of teachers.

*Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias, espreitam-me.
Devo seguir até o enjôo?
Posso, sem armas, revoltar-me?*

* Professora Associada do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação - Cepae/UFG, subárea de Biologia. E-mail: mercesmendonca@yahoo.com.br

** Professora Associada do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação - Cepae/UFG, subárea de Biologia. E-mail: mibabel@gmail.com

*Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.
O tempo pobre, o poeta pobre
fundem-se no mesmo impasse.*

.....

*Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.*

*Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.*

*Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens macias avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor.” Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.”*

(Carlos Drummond de Andrade)

INTRODUÇÃO

Ao cumprir alguns roteiros de atendimento à demanda de formação continuada de professores dos longínquos municípios do Estado de Goiás, ouvimos, mais uma vez, dos professores-cursistas, que estavam carentes de uma formação mais sistematizada – que fugisse do padrão de cursos de 20, 30 ou 40 horas, que nem sempre permitiam uma reflexão aprofundada de temas e dúvidas presentes em seu cotidiano na sala de aula. Começamos, então, em uma viagem na qual a velha “Kombi” que nos levava quebrou, a discutir a possibilidade de oferecer um curso de pós-graduação *lato sensu* para um público que ansiava por essa qualificação.

Parte das reclamações que ouvíamos dos nossos cursistas estava centrada no fato de que as oficinas eram ministradas por professores da Universidade Federal de Goiás, mas a certificação era dada ou pela própria Secretaria Municipal de Educação, ou por empresas. Estas, muitas vezes desconhecidas e sem histórico na área educacional, embora credenciadas pelo Ministério da Educação para oferecer formação continuada de professores de municípios goianos, como Aparecida de Goiânia, Anápolis, Morrinhos, Caldas Novas, Posse, Aragarças, Córrego do Ouro, Catalão, entre muitos outros.

Impulsionado por esse contexto e por essa demanda, surgiu um grupo disposto a planejar ações em prol da construção do projeto político-pedagógico, da matriz curricular e do regimento de um curso de especialização. Foi gerado, assim, o embrião do curso de Especialização em Metodologia do Ensino Fundamental.

O grupo era formado por professores da Universidade Federal de Goiás, em sua maioria do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação e da Faculdade de Educação, além de alguns do Instituto de Estudos Sócio Ambientais e da Faculdade de Letras. Acreditando na meta de melhor qualificar os docentes da rede pública de ensino básico, viajavam em perua “Kombi” e em outros veículos nem sempre confortáveis ou confiáveis, para atender à demanda e ao convite das prefeituras das mais (e menos) distantes localidades do Estado de Goiás. Após algum tempo, indicada pelo grupo engajado nessa tarefa, a coordenação dos trabalhos ficou a cargo da professora Edvânia Braz Teixeira Rodrigues, então diretora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação.

PRIMEIROS PASSOS

A primeira ação foi criar um grupo de estudo que oportunizasse a reflexão-ação-reflexão sobre a formação de professores para a escola básica. Os estudos tiveram início com uma revisão da literatura e legislação voltada para esse tema, que incluiu pesquisas e trabalhos sobre a formação e a atuação do professor nas escolas públicas de Educação Básica do Estado de Goiás.

Os trabalhos produzidos por Anísio Teixeira (1977; 1994; 1996), Paulo Freire (1980; 1984; 1991; 1992), Darcy Ribeiro (1982; 1987), Florestan Fernandes (1967; 1979; 1984), Gustavo Capanema (citado

por Romanelli, 1983; Xavier, 1990; Aranha, 1996; Piletti, 1996) e Fernando de Azevedo (1958; 1971; 1996) foram selecionados como referenciais de análise, uma vez que apontavam para uma visão global e substantiva daquilo que é a competência do professor e a dimensão política de sua ação.

Os eixos considerados essenciais relacionavam-se à escola pública, que atende ao cidadão trabalhador e aos seus filhos, aos mecanismos de organização e funcionamento dessa escola que, em última instância, tem produzido a marginalização e a exclusão na e da escola, às bases de formação desses professores e às práticas educativas desenvolvidas na escola.

Um dos aspectos mais relevantes que emergiram deste estudo foi a questão da competência técnica do professor e seu nível de consciência sobre a qualidade do trabalho que desenvolve com os estudantes sob sua responsabilidade, o que, aliás, não é uma preocupação nova entre a comunidade de educadores. Ao longo do tempo, pudemos observar que a história da formação do professor aponta para esse problema de forma substantiva e que o docente, muitas vezes, não se sente capaz de lidar com a fragilidade da sua formação acadêmica.

Nessa fase do trabalho, com algumas definições já estabelecidas entre os professores participantes do projeto, surge uma proposta do Sindicato de Professores de Goiás (Sinpro) para realizarmos um curso de pós-graduação com um desenho específico – qualificar professores da rede pública que vinham de uma graduação “aligeirada”, por meio do Projeto de Licenciatura Parcelada. Esse fato se configurou no estopim que definiu as parcerias realizadas, os professores que realmente abraçariam o projeto, trabalhando em prol da construção de caminhos a serem percorridos, os objetivos, a metodologia e as metas desse projeto construído a muitas mãos.

O convite do Sinpro foi apresentado, no final do mês de outubro de 2003, pelo professor Geraldo Profírio, então presidente do Órgão. A proposta era de que, já no mês de março, pudéssemos iniciar o curso de especialização, cujo projeto ainda estava sendo finalizado, embora já possuísse uma proposta pedagógica desenhada, um regimento arquitetado e um plano de trabalho alinhavado. Encontrava-se em fase de aprovação na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Federal de Goiás, coordenada então pela professora Eliana Martins de Lima.

A Pró-Reitoria de Administração e Finanças da UFG, por meio da professora Ilka Maria Moreira, nos orientou e instruiu na confecção

da planilha financeira, tendo em vista que o curso geraria recursos, e esses créditos deveriam chegar à instituição em conta bancária específica, segundo as normas institucionais e as do Tribunal de Contas da União. Essa receita seria gerida por meio de plano de trabalho aprovado no colegiado do curso com a prestação de contas apresentada conforme previsto na legislação vigente.

Nesse momento, o grupo percebeu que tinha uma proposta sólida de formação continuada, que já não era algo apenas desejado e sonhado, mas a concretização do desenho traçado, agora com a proposta de matriz curricular, projeto político-pedagógico, regimento, nomes de docentes e número de cursistas a serem atendidos.

Os professores que compunham o corpo docente do curso de Especialização em Metodologia do Ensino Fundamental oficializaram convites para os demais docentes do Cepae para uma reunião, a realizar-se na Faculdade de Direito, num sábado pela manhã, mesmo dia de realização do curso em tela. Muitos dos convidados declinaram do convite para tal projeto em vista de impedimentos diversos, como necessidade premente de estudos, linha de trabalho, tempo de dedicação e contrapartida reduzida e incerta de honorários. Nessa reunião, elegeu-se a coordenação do projeto, definiu-se o corpo docente e suas normas de funcionamento.

Nessa época o corpo docente era formado pelos professores Danilo Rabelo, Edvânia Braz Teixeira Rodrigues, Fernando Pereira dos Santos, Gene Maria Lyra Silva, Katia de Oliveira Campos, Mara Analú Freitas Bueno, Maria Izabel Barnez Pignata, Maria Judy de Melo Ferreira, Mercês Pietsch Cunha Mendonça, Paulo César de Araújo, Silmara Ferreira Antunes, Sirley Aparecida de Souza, Simone Maria Teixeira de Sabóia Morais, Sônia Santana Costa e Wanderley Alves dos Santos.

CURSO PRESENCIAL

O curso começou a funcionar nas instalações do Museu Antropológico da UFG, que gentilmente nos acolheu cedendo parte de sua estrutura na Praça Universitária. Tínhamos como secretaria um gabinete no terceiro piso do prédio, e o auditório, no piso inferior, para as atividades pedagógicas. As atividades ocorriam aos sábados a partir das 8 horas e terminavam aos domingos às 17 horas.

A aula inaugural ocorreu num sábado e foi ministrada pela professora Raquel Teixeira, que discursou sobre a importância da formação continuada na carreira docente. O público foi formado por cursistas, professores e funcionários da Universidade e autoridades do Sinpro. O auditório do Museu ficou lotado.

Nessa turma tivemos 61 docentes matriculados, sendo que nem todos terminaram o curso com a defesa de monografia. Muitos tiveram que nos deixar ao longo do caminho, apresentando justificativas diversas. Dentre as mais frequentes, destacavam-se a dificuldade de cumprir 85% de presença ao longo das aulas de 16 horas nos finais de semana e a pouca familiaridade com leitura e produção escrita para desenvolver o trabalho final. Finalizamos a primeira turma com aprovação de 48 monografias.

Logo após a conclusão desses trabalhos, a Secretaria de Educação Municipal de Aparecida de Goiânia enviou um ofício à coordenação do curso solicitando 200 vagas para professores da rede pública. Assim, deu-se início à segunda turma do curso e, após 18 meses, 126 professores tiveram seus certificados impressos pelo Departamento de Assuntos Acadêmicos após análise documental pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação.

ROMPENDO DISTÂNCIAS

No início de 2006, a coordenação do curso submeteu a proposta do curso de Especialização em Metodologia do Ensino Fundamental ao Edital da Universidade Aberta do Brasil e Ministério da Educação e Cultura. Foi aprovado com necessidade de algumas modificações na área de atuação. As adequações foram realizadas com a assessoria do Centro Integrado de Aprendizagem em Rede (Ciar), que sugeriu que o objetivo geral seria implementar ações político-educacionais e didático-pedagógicas visando à qualificação de professores em exercício no ensino fundamental em dez polos do estado de Goiás. Dessa forma, o curso passou para a modalidade a distância e a coordenação do curso, juntamente com o professor Orlando Amaral, pró-reitor de Administração e Finanças da UFG, adotou a proposta de isenção de qualquer tipo de taxa dos professores-cursistas matriculados na nossa Universidade.

Na primeira reunião em Brasília, com a participação dos responsáveis pelo Edital e dos coordenadores de cursos de outras universidades do Brasil, ficou estabelecido que a Universidade Federal de Goiás atenderia os

municípios que apresentavam demanda documentada de qualificação de professores nos sítios do MEC. Os municípios pré-selecionados foram Alexânia, Aparecida de Goiânia, Águas Lindas, Catalão, Cezarina, Formosa, Goianésia, Porangatu, São Simão e Uruana. Nesse momento, as visitas aos futuros polos foram agendadas pelas universidades, que deveriam avaliar as condições para o funcionamento do curso no município-polo. A prefeitura deveria destinar uma construção que tivesse espaço físico suficiente para secretaria, biblioteca e sala ou *atelier* de informática. A administração municipal deveria, também, selecionar um profissional responsável pela coordenação, outro pela manutenção das máquinas e outro para assumir as funções na secretaria do polo. O atendimento aos alunos da especialização seria feito por um professor da rede pública selecionado por edital público e aprovado no curso de capacitação oferecido pelo Ciar, com duração de três meses.

Os polos de Águas Lindas e Porangatu apresentaram restrições e não puderam efetivar o convênio entre a Prefeitura e Ministério da Educação. O curso de especialização foi então ofertado em oito polos e atendeu a uma demanda de 400 alunos selecionados por edital publicado pelo Centro de Seleção da UFG e matriculados no ambiente virtual coordenado pelo Ciar.

Uma das primeiras ações exigidas pela UAB/MEC para o funcionamento adequado do curso foi a elaboração de material didático específico, com a chancela da UFG, para os cursos oferecidos na modalidade a distância, ou seja, o material deveria primar pela qualidade. A partir de então, muitos professores foram atraídos pelo edital publicado pelo Ciar para uma imediata e intensa qualificação com mestres das universidades do Mato Grosso, Paraná e São Paulo. Os cursos tiveram duração média de três meses e, ao final do primeiro ano, os professores-autores foram selecionados dentre os cursistas e deu-se início à produção do material didático. A produção passava por quatro etapas: revisão de conteúdo, linguística, de forma e diagramação.

Após as revisões, o material foi enviado ao Centro Editorial da UFG, que o transformou em três volumes para serem entregues aos alunos. Esse material foi um fator impactante na comunidade acadêmica, uma vez que solicitaram a sua utilização em cursos de graduação da UFG e de mestrado no Pará e Minas Gerais.

Nessa turma tivemos um número considerável de evasão, pois muitos ainda carregavam o preconceito contra a educação a distância: acredita-

vam que nessa modalidade de ensino podia-se fazer as atividades quando e como quisessem. Em consequência disso, apenas 298 concluíram o curso. Os assuntos abordados em seus trabalhos refletiam a prática cotidiana da escola: alfabetização, exclusão, indisciplina, coordenação pedagógica, metodologias de ensino, letramento, leitura, entre outros.

O ESTADO DA ARTE

Em 2009, o curso foi disponibilizado com sua matriz curricular no sítio da Universidade Aberta do Brasil. Logo em seguida, algumas prefeituras de Goiás (Aparecida de Goiânia, Águas Lindas, Anápolis, Formosa, Goianésia, Inhumas, Iporá, Morrinhos, Mineiros, São Miguel do Araguaia, Piranhas, Posse), uma de Minas Gerais (Buritis) e uma de São Paulo (Votuporanga) solicitaram nova oferta do curso. Após auditorias realizadas nesses municípios por avaliadores do MEC e professores da UFG, o polo de Minas Gerais não apresentou condições para a instalação do curso. Todos os outros polos tiveram alunos selecionados via edital público para 50 vagas. Essa nova turma iniciou o curso em outubro de 2009 e será finalizada em março de 2011 com as defesas das monografias.

Na reabertura do curso, o material didático passou por revisão e reformulação, e novos volumes foram impressos com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa (Funape). Todos os alunos do curso de Especialização em Metodologia do Ensino Fundamental de todos os municípios retiraram os volumes do livro didático em seu polo de apoio presencial antes do início da nova turma.

Esta é uma pequena memória do curso de Especialização em Metodologia do Ensino Fundamental que, como todo projeto, é fruto de sonhos e desejos de fazer o melhor. Afinal, sem abrir mão do “suporte de capacidades previamente desenvolvidas e da assimilação de nossa herança cultural” (Longo, 2008, p. 221), é preciso “aprendermos a viver perigosamente porque este é o preço da autonomia. A inovação provém de quem sabe valorizar as incertezas, superar-se nos erros, saltar barreiras para começar tudo de novo...” (Luckesi, 1999, p. 140).

Enfim, superado o desafio inicial de construir o curso de pós-graduação *lato sensu* em Metodologia do Ensino Fundamental do Cepae, o grupo de professores envolvidos cresceu, a demanda tem aumentado a cada ano, o curso se consolidou, sendo hoje reconhecido tanto em Goiás como em todo o território nacional. Desse modo, acreditamos estar cumprindo

nosso papel na formação continuada de professores de Ensino Fundamental nas mais afastadas localidades do estado de Goiás.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. L. de A. *História da Educação*. São Paulo: Moderna, 1996.
- AZEVEDO, F de. *A educação e seus problemas*. São Paulo: Melhoramentos, 1958.
- _____. *História de minha vida*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1971.
- _____. *A Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ e Brasília: UnB, 1996.
- FERNANDES, Florestan. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo: Nacional, 1967.
- _____. *A universidade brasileira: reforma ou revolução?* São Paulo: Alfa-Omega, 1979.
- _____. *A questão da USP*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização*. São Paulo: Moraes. 1980.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1984.
- _____. *Educação na cidade*. São Paulo: Cortez. 1991.
- _____. *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Cortez. 1992.
- LONGO, C. R. J. A EAD na pós-graduação. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson-Prentice Hall, 2008. p. 215-222.
- LUCKESI, C. Assimilação receptiva de conhecimentos, metodologias e visões de mundo. In: _____. *Avaliação da aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez, 1999. p. 137-142.
- PILETTI, N. *História da educação no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- RIBEIRO, D. *Utopia selvagem: saudade da inocência perdida - uma fábula*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. *O processo civilizatório: estudos de antropologia da civilização; etapas da evolução sócio-cultural*. Petrópolis: Vozes, 1987.

ROMANELLI, O. de O. *História da educação no Brasil (1930/1973)*. Petrópolis: Vozes, 1983.

TEIXEIRA, A. *Educação e o mundo moderno*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1977.

_____. *Educação não é privilégio*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

_____. *Educação é um direito*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

XAVIER, M. E. *Capitalismo e escola no Brasil: a constituição do liberalismo em ideologia educacional e as reformas do ensino (1931-1961)*. Campinas: Papirus, 1990.